

Hiperescritas de si, currículos insurgentes e educação *on-line*: modos de fabular as docências na pandemia (e além dela)

Resumo: No contexto da pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-COV-2), propomos pensar a potência das narrativas digitais produzidas e compartilhadas no ciberespaço, entendendo-as como registros históricos que narram experiências, dores, modos de viver o isolamento físico (ou de não o praticar) e uma variedade de complexas e intensas emoções experimentadas pela humanidade no último ano. A partir de uma cartografia digital realizada em/com uma amostra dessas narrativas online, discutiremos a noção de redes educativas como '*espaçotempos*' de formação contínua, costurados por currículos não institucionais, praticados na/com a cibercultura. O presente artigo tem como objetivo principal apresentar e discutir o conceito de hiperescritas de si – escritas autobiográficas fundadas na hipermídia – como práticas de criação de memórias singulares a combater os perigos de uma história única. As hiperescritas de si produzem outras presencialidades, sentidos e conhecimentos, expandem as formas de sociabilidade e pluralizam as vozes nos '*temposespaços*' de narrativas em disputa. A partir dessas escritas, praticadas e partilhadas na pandemia, pretende-se pensar a ficção como tática de (re) existência e de insurgência contra o que está posto enquanto ameaça à vida, à diferença e à democracia. À título de recorte, apresentaremos uma experiência de currículo praticado no Ensino Remoto Emergencial, na plataforma Moodle, desenhada com estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no segundo semestre de 2020, tendo a ficção como ponto de partida do desenho didático.

Palavras-chave: hiperescritas de si; ficção; docência, educação *on-line*; pandemia.

Leonardo Nolasco Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

leonolascosilva@gmail.com

Tania Lucía Maddalena

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

tlmaddalena@gmail.com

(1) Verso da canção Velha roupa colorida, de Belchior.

Introdução

“O passado é uma roupa que não nos serve mais”¹

No dia 11 de março de 2020 foi declarada a pandemia do novo coronavírus, SARS-CoV-2, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Frente à grande proliferação do vírus que, até a escrita do presente artigo – abril de 2021 – levou a óbito mais de 348.718 brasileiros e mais de 2,9 milhões de pessoas no mundo, muitos pensadores – cientistas, artistas, ativistas etc. – vêm tentando dar conta de narrar e refletir acerca da fragilidade da vida humana na Terra, ao mesmo tempo em que denunciam a prepotência e o caráter suicida do estilo de vida praticado por muitos de nós. A pandemia, para muitos autores (KRENAK, 2020; SANTOS, 2020b),

(2) Ainda é cedo para mensurarmos o tamanho da tragédia em que nos encontramos, mas é perceptível, no caso do Brasil, o exercício ético e estético de uma necropolítica encampada pelo Governo Federal que, desde o primeiro momento da pandemia, quando o mundo demonstrava enorme preocupação, tratou de minimizar os efeitos do novo coronavírus, reduzindo a covid-19 a "uma gripezinha".

Desde então, o Presidente da República insiste em defender o já cientificamente desaprovado "tratamento precoce", baseado em medicamentos sem eficácia para a doença em tela e, em muitos casos, nocivos para os pacientes. Frente ao desemprego, intensificado pela pandemia, é explícita a insistência da equipe do Presidente em reduzir o valor e o público do auxílio emergencial – que caiu de R\$600,00 para R\$ 300,00 e, depois, para R\$ 250,00 e R\$ 150,00. À inviabilização da vida de pessoas pobres, acrescenta-se o incentivo às aglomerações capitaneado por Jair Bolsonaro que traz, em seu vasto repertório de irresponsabilidades, o hábito de circular sem máscara entre os seus apoiadores. Cabe destacar ainda, no bojo da necropolítica bolsonarista, o negacionismo da ciência – explicitado pela resistência à vacina –, à oposição ao lockdown e as articulações jurídico-políticas para barrar a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da covid que buscaria, entre outras coisas, fiscalizar as ações presidenciais na condução do combate à pandemia. Uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), que analisou 3049 normas federais produzidas em 2020, argumenta que Bolsonaro executou uma estratégia institucional de propagação do coronavírus. Ver em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>. Acesso em: 13 abr. 2021.

(3) Uma das recomendações da OMS foi a necessidade do chamado "isolamento social" ou "isolamento domiciliar" para controlar a disseminação do vírus e promover uma conscientização na população. Optamos por falar em "isolamento físico" ao invés de "isolamento social" ou "isolamento domiciliar", considerando as intensas convivialidades produzidas nas/com as tecnologias de encontro.

(4) BRASIL. Ministério da Educação. PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus

é o desdobramento de escolhas econômicas, políticas e culturais que enxergam o mundo na perspectiva da maximização dos lucros, da manutenção do poder a qualquer custo e da saciedade dos desejos – mesmo aqueles que nem sabemos ao certo se são nossos ou apenas convencimento empreendido pelas propagandas. No campo da educação – que será o recorte deste artigo – vivemos uma situação histórica sem precedentes,² pois uma das ações emergenciais praticadas na pandemia foi a imposição do isolamento físico,³ com o intuito de reduzir a circulação do vírus pelas cidades.

O Ministério de Educação (MEC), publicou a Portaria nº 343 no *Diário Oficial da União*,⁴ na qual "[...] dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - covid-19". As opções do sistema educacional brasileiro foram, num primeiro momento: migrar para atividades não presenciais, constituídas no improvisado com as tecnologias digitais em rede⁵ ou suspender todo tipo de atividade acadêmica. E assim, de forma rápida, e na maioria dos casos sem suporte em infraestrutura e/ou na formação dos professores, nasceu o Ensino Remoto Emergencial (ERE) como estratégia institucional de manutenção do isolamento físico da população (ao menos no que tange à escolarização⁶), com vistas ao controle dos contágios.

Ao mesmo tempo que os sistemas educacionais de vários países do mundo assumiram a digitalização e a migração das aulas para modalidades virtuais, vários movimentos e fenômenos surgiram e/ou se intensificaram na cibercultura após a declaração da pandemia. Como a nossa formação acontece, rizomaticamente, entre as redes de "prácticas teorizadas" pelas quais transitamos, entendemos que tais fenômenos ciberculturais produzidos na quarentena, participam ativamente dos modos a partir dos quais estamos percebendo o mundo e, conseqüentemente, dos processos de subjetivação nascidos dessa percepção. Estamos nos referindo às novas presencialidades praticadas por meio das tecnologias de encontro,⁸ com destaque para as *lives*, as reuniões via aplicativos de videochamada, o crescimento dos podcasts, o aumento no consumo de produções artísticas via plataformas de *streaming* etc. Tratam-se de expressões que expõem relações de aprendizagem, de troca, afeto, compartilhamento e ações coletivas para além das instituições formais de ensino. Por esses meios também conseguimos dar continuidade às pesquisas e criamos novos modos de circulação científica, ratificando a ideia

de que não estamos socialmente isolados, mas tecendo aproximações de outra natureza. As tecnologias digitais com conexão em rede favorecem continuarmos interconectados(os) e em interação com outras(os) internautas pela internet (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020, p. 1520), alargando nossos '*conhecimentosignificações*'.

É importante esclarecer que o presente artigo assume o desafio de conversar com algumas narrativas do tempo presente – um tempo de luto, de incertezas, de redimensionamento da vida, dos hábitos, das prioridades etc. Portanto, trata-se de uma escrita que se reconhece inacabada, contagiada de sensações que podem mudar em segundos, de percepções fadadas ao trânsito, uma vez que os autores também se enredam nas tramas aqui destacadas. Decerto, essa contaminação é inerente a toda pesquisa, já que pesquisamos com as nossas redes, com os nossos pertencimentos, mas no contexto pandêmico estamos ainda mais envolvidos em tudo aquilo que pesquisamos, pois não há vida fora dessa vida em vias de acabar ou de se tornar outra para a coletividade. Assim, temos como objetivos: explorar o conceito de hiperescritas⁹ de si, os usos da ficção como tática de re(existência) e os modos de fabular as docências na pandemia. Na primeira seção “Entre dores, isolamento e aprendizado, a humanidade narra a pandemia” apresentamos uma cartografia digital feita entre abril e setembro de 2020, na qual a humanidade narra o isolamento, a quarentena e o cotidiano nos tempos da covid-19. Foram mapeadas diversas invenções autobiográficas, ficções e relatos de redes sociais. No segundo tópico introduzimos os conceitos de “hiperescritas de si e a ficção como táticas de (re)existência”, de forma a nos ajudar a narrar, na terceira parte do artigo, os “Modos de fabular as docências na Educação *on-line*”. Nesta sessão partimos de uma experiência realizada no âmbito do Ensino Remoto Emergencial, via Moodle, no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Por fim, serão tecidas algumas considerações acerca das possibilidades das hipercomposições de si e das narrativas ficcionais produzidas na pandemia como recursos didáticos capazes de promover currículos locais insurgentes, praticados como táticas de (re)significar a vida em meio ao caos e à incerteza do futuro.

- COVID-19. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 53, p. 39, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> Acesso em: 20 maio 2021.

(5) O que não significa EaD, uma vez que a Educação a Distância não se baseia, simplesmente, na transposição de modos de '*aprenderensinar*' do presencial ao remoto, mas em traduções que demandam conhecimentos, técnicas, reflexões teóricas advindas de uma formação específica para um novo modo de trabalhar e de estudar. Trata-se de apostar, no caso da EAD praticada a partir dos princípios da Educação Online, em uma nova cultura que nos permita reconstituir os laços, que nos apresente outros caminhos para o pertencimento, que reconfigure posições de hierarquia, que nos ofereça opções de autorias, de consumo, de fruição diante da vida produzida em movimentos de compartilhamentos, de curtidas, de remixagens, de transitos hipertextuais, de processos outros de subjetivação que não se alinham à instrução, à transmissão e à avaliação tradicionais dos conhecimentos – procedimentos muito valorizados por concepções mais conservadoras da educação presencial. Por isso, o debate atual sobre soluções pedagógicas para a continuidade ou retorno das aulas em tempos de pandemia, deve estar atento a esses movimentos da cibercultura, que não são novos, mas que têm se intensificado nos últimos anos.

(6) É necessário sublinhar que, enquanto algumas atividades migraram para formas remotas, grande parte da população continua sendo obrigada a usar transportes públicos lotados, a formar filas nas salas de espera dos hospitais e outras intercorrências da necropolítica de Estado praticada no Brasil.

(7) Nas pesquisas com os cotidianos optamos por agrupar, graficamente, palavras que costumam ser usadas – nos textos acadêmicos e na linguagem corrente – como opostas, antagônicas. Para informar essa opção política, ética e estética aos leitores e revisores, costumamos usar aspas simples e itálico, marcando a intencionalidade da escrita. Assim, usamos '*prácticateoria*', '*espaçotempo*', '*saberfazer*', '*docentediscente*' etc.

(8) As lives, por exemplo, promoveram encontros e conversas que, provavelmente, não aconteceriam se os interlocutores estivessem em suas rotinas pré-pandêmicas. Professores e pesquisadores puderam participar de bancas e de eventos

acadêmicos geograficamente distantes de suas residências, via sistemas de videochamada, costurando redes de influência que dificilmente seriam viabilizadas se demandassem os deslocamentos físicos habituais (gastos com transporte, hospedagem, alimentação etc.).

(9) A ideia de hiperescritas de si, do modo como a usamos, sinaliza para as múltiplas possibilidades de produzir a si mesmo por meio de variadas linguagens. Contudo, ao marcarmos na grafia do conceito o ato de "escrever a si mesmo" corremos o risco de reduzir essa *elaboração de si* à escrita e à leitura de um texto, deixando de fora um vasto repertório de outras expressividades. Dessa forma, assumiremos neste artigo outras possibilidades de nomenclatura: hiperartesarias de si, hiperexpressões de si, hipercomposições de si. Contribuiu para esse alargamento de sentidos as interlocuções com a obra e com as aulas de Nilda Alves que, gentilmente, conversou com parte deste artigo antes da sua publicação.

(10) A memória, para Deleuze (2006), não fala do que aconteceu no passado. Ela é a negociação que fazemos com o presente - um presente que é síntese, fabulação e produção de diferença.

(11) Ver em: <https://blog.atados.com.br/diario-para-o-futuro-museu-da-pessoa/>.

(12) Ver em: <https://www.storycenter.org/covid-stories>.

Figura 1 – Página principal do Moodle criado para a disciplina Tecnologias e Educação



Fonte: Moodle da disciplina Tecnologias e Educação.

Entre dores, isolamento e aprendizado, a humanidade narra a pandemia

O medo e a morte são os grandes estruturantes da dor social que atravessamos. Entre os meses de março e julho de 2020, ao mesmo tempo em que a pandemia avançava e levava vidas, fomos testemunhas de um movimento narrativo muito potente, cujos diversos pontos de partida confluíram na mesma direção: uma humanidade contando histórias sobre/na/com a pandemia, pessoas narrando a dor social, produzindo memórias,¹⁰ compartilhando experiências e criando ficções.

Muitas foram as iniciativas de registrar as memórias da pandemia, desde organizações que trabalham com histórias de vida até pessoas comuns que, através de suas redes sociais, imprimiram vestígios das suas (re)existências e (re)significações em tempos de suspensão da “normalidade”. A título de exemplo, podemos citar: 1) o Museu da Pessoa com o projeto “diário para o futuro”;¹¹ 2) as “Stories from the Global COVID-19 Pandemic”,¹² do Storycenter – centro liderado por Joe Lambert, uma referência do trabalho com histórias digitais (digital storytelling) no formato audiovisual nos Estados Unidos. Em redes sociais como Instagram, atualmente

com 99 milhões de usuários ativos no Brasil, os movimentos narrativos acerca da pandemia também intensificaram-se. Surgiram contas como: 3) o “Museu do Isolamento”¹³ ou 4) as “Constatações da quarentena”¹⁴, objetivando trazer manifestações artísticas e, por meio da escrita poética, vozes de pessoas do Brasil e do mundo, expressando sentimentos e dores que constatarem o difícil tempo que vivemos. Além dessas, surgiram também contas destinadas aos que já não estão conosco, como 5) o memorial “Inumeráveis”¹⁵, que apresenta uma breve história, em uma linha, de cada vítima do coronavírus no Brasil. O projeto defende que “não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”.

O campo da ficção¹⁶ também experimentou estas movimentações. O filme “Contágio”, que narra a história de uma pandemia mundial, foi catalogado como ficção científica no ano de 2011 e mudou para a categoria “drama” em março de 2020, na plataforma Internet Movie Database (IMDb). No mês de maio de 2020, na Gran Vía, uma das maiores avenidas de Madrid, Espanha, apareceu um cartaz anunciando a sexta temporada do seriado *Black Mirror*. Naquele pôster¹⁷ tinha um espelho quebrado e a pessoa que fez a foto saía, refletida no espelho, de máscara e com luvas. E, na parte de cima, falava “*live now, everywhere*” (vive agora, em todos os lugares). Netflix e Charlie Brooker, criador do seriado *Black Mirror*, desmentiram rapidamente que haveria uma sexta temporada em 2020, indicando que esse anúncio era *fake*. Pouco tempo depois, se conheceu que os criadores do cartaz foram alunos de uma escola de arte e publicidade de Madri. Eles editaram o cartaz no photoshop e postaram no Twitter. A publicação viralizou rapidamente, mas nunca existiu na Gran Vía.

*Nenhum futuro próximo*¹⁸ é um livro de contos breves no Instagram, “18 contos sobre o futuro de um mundo que não tem nada de novo nem de normal”, autoria de Vinícius Neves Mariano, ilustrado por Thiago Miranda. A micronarrativa (microconto, microficção) é um fenômeno que ganha força nas redes sociais, sem perder sua essência narrativa na brevidade, mesmo sendo um gênero que existe na literatura desde o começo do século XX.

A *websérie* “Isolados”¹⁹ foi lançada no IGTV do Instagram em maio de 2020. Composta por duas temporadas, conta histórias de personagens que vivem os desdobramentos da pandemia em 2025, tendo como possibilidade de interação social os encontros forjados via tecnologias digitais. A localização da trama em um futuro próximo

(13) Ver em: <https://www.instagram.com/museudoisolamento/>.

(14) Ver em: <https://www.instagram.com/constatacoesdaquarentena/>.

(15) Ver em: <https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/>.

(16) Entendemos que toda expressão de registro da memória ou de pensamentos que tentam narrar a vida em sociedade, dialoga, em alguma medida, com a escrita ficcional. Nenhum registro é capaz de reproduzir o vivido, pois a experiência humana é inapreensível, isto é, todo relato é sempre uma atualização da memória, uma seleção de cenas que, organizadas por decisão de quem “lembra”, contam uma história possível dentre tantas outras versões dessa mesma história. Então, não opomos ficção e verdade. Contudo, decidimos marcar em nosso texto as obras que são assumidamente ficcionais (autorias publicadas com intencionalidade de fruição artística).

(17) Ver em: <https://www.eimundo.es/f5/comparte/2020/06/03/5ed7b0e121efa0836c8b461a.html>.

(18) Ver em: <https://www.instagram.com/nenhumfuturoproximo/>.

(19) Ver em: <https://www.instagram.com/isoladosaserie/>.

(20) O 'praticantepensante' alegórico é uma escolha metodológica caracterizada pela reunião de múltiplas vozes que, sob o signo de uma identidade única, exercem em nosso texto uma função-informante. Trata-se da junção de pedaços de narrativas, produzidas por diversos interlocutores de pesquisa, que nos ajudam a pensar sobre determinado tema. Não possui, pois, um caráter biográfico, mas unicamente comunicativo – ilustração de certos modos convergentes de pensar entre sujeitos de uma mesma comunidade. (NOLASCO-SILVA, 2019) Os 'praticantepensantes' alegóricos funcionam, nesse sentido, como personagens conceituais. Para Alves (2010, p. 1203), "Os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com quem se 'conversa' e que permanece presente por muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva e para que se crie novos conhecimentos".

oportunizou o exercício de imaginar a intensificação dos usos das tecnologias de encontro em nossas vidas e o roteiro, escrito por um dos autores deste artigo, bricola narrativas de interlocutores de pesquisa, transformados em 'praticantepensantes' alegóricos,²⁰ cuja função é servir de *personagens conceituais* em nossos textos e demais autorias voltadas a fazerem circular os '*conhecimentossignificações*' produzidos na Academia.

Não há nada mais fecundo para o surgimento de uma história que um personagem encontrando um tempo propício. Às vezes, o próprio tempo alcança vivências que antes pertenciam ao universo ficcional.

O isolamento físico estimulou experimentações outras de produção e registro de memórias, bem como desafiou os modos tradicionais de narrar a vida por meio da ficção, exigindo dos produtores desse tipo de conteúdo, alternativas técnicas e literárias até então pouco ou nunca exploradas. Novelas foram paralisadas no país que mais consome e produz teledramaturgia no mundo. Entre março e agosto de 2020, os Estúdios Globo foram fechados para a gravação de novelas e a grade da emissora passou a reprisar tramas antigas em seu horário nobre – feito inédito na história da televisão brasileira. Por alguns meses, não houve nenhuma novela inédita no ar. O retorno parcial das gravações das tramas que estavam em curso no começo da pandemia começou a acontecer no início de agosto de 2020, seguindo rígidos protocolos de segurança. Tais protocolos interferiram definitivamente no modo como essas ficções foram/estão sendo escritas, gravadas e consumidas, o que nos leva a pensar que estamos diante da emergência de novas linguagens dramatúrgicas e, por consequência, de novos modos de produzir e fazer circular '*conhecimentossignificações*' acerca da vida em sociedade, incluindo nesse bojo, claro, o trabalho científico.

A linguagem da hipermídia traz inúmeras possibilidades narrativas combinando texto digital, imagens, hiperlinks, geolocalização, gifs, memes, fotografias, sons, música, emoticons entre outros. A cada dia surgem e se complexificam os fenômenos da cibercultura, afetando nossas formas de ler, escrever e entender o contexto que habitamos. Em meio às restrições do deslocamento físico, mas em um contexto de popularização e desenvolvimento de tecnologias de registro e de conexão, vimos emergir uma produção de conteúdos audiovisuais – domésticos e profissionais – sem precedentes. São narrativas de ficção que misturam linguagens variadas e que

inventam – enquanto narram – experiências pessoais e coletivas da vida na pandemia.

Ao resgatar algumas ficções que foram criadas nesse contexto pandêmico, pretendemos pensar a ficção como possibilidade criativa que expande as expressões humanas na/com a hipermidia. A ficção se nutre e se inspira nos cotidianos, mas vai além, abrindo os caminhos para múltiplos processos de subjetivação, inventando suas próprias regras. Aqui reside a sua força. Acreditamos que o narrar ficcional permite ir além do dito, não há limites para criar, imaginar e produzir mundos, desfazer alguns e reconstruir tantos outros. O narrar ficcional possibilita a conjugação de diversos elementos ao mesmo tempo. Podemos trazer a nossa própria história de vida-formação, o contexto onde habitamos, os movimentos sociais, culturais e políticos emergentes e assim potencializar a imaginação nas muitas redes educativas em que formamos e nos formamos, promovendo aberturas para debates e reflexões. (MADDALENA, 2018)

Ao acionarmos tais produções, sabendo-as ficcionais, partimos do entendimento de que elas oferecem ao usuário/espectador/fruidor uma multiplicidade de percepções acerca do mundo em que vivemos, podendo vir a compor nossos repertórios de existência, tecendo outros fios em nossas redes de *'prácticas-teóricas'*.

As hiperartesarias de si e a ficção como táticas de (re)existência

Para Ferreira Gullar, “a arte existe porque a vida não basta”²¹. Para Foucault (1994), a escrita de si - enquanto criação de um estilo e como prática de problematização ética daquilo que nos tornamos e daqueles que estão ao nosso redor – é a possibilidade de produzir a vida como obra de arte. Indaga o autor:

O que me surpreende, em nossa sociedade, é que a arte se relacione apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida; e que também seja um domínio especializado, um domínio de peritos, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não? (FOUCAULT, 1994, p. 617)

(21) Trecho de uma entrevista do poeta Ferreira Gullar. Ver em: <https://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>. Acesso em: 06 mar. 22.

Pensar a vida como obra de arte implica nos libertarmos tanto do Estado quanto das experiências de sujeição às quais fomos expostos; no lugar da adaptação, pode-se efetuar a recusa dos rótulos e empreender a feita cotidiana das práticas de si, dessubjetivando-se. Para tanto, será preciso promover novas formas de subjetividade. (FOUCAULT, 1983)

As redes sociais *on-line*, ao alargarem o campo da auto apresentação, ao potencializarem a produção de outras versões imagéticas de nós mesmos, podem ser imaginadas como '*espaçotempos*' favoráveis às práticas de si, desde que habitadas na perspectiva da liberação e não do assujeitamento aos apelos do mercado e/ou das práticas culturais que costumam ditar a moda e denunciar as inconveniências.

As narrativas digitais que escolhermos para ilustrar esse texto possuem potencial de estímulo à dessubjetivação, tanto da audiência quanto de quem as produziram. E acreditamos nisso por entendermos que tais produções apresentam estéticas de existências baseadas na inconformidade, na contestação, na denúncia e na fabulação de outros possíveis. Em palavras de Bruner (2014, p. 19):

A estratégia da ficção de primeira grandeza consiste em tornar estranho aquilo que é familiar e ordinário – como os formalistas russos costumavam dizer, 'alienado' o leitor da tirania do terminantemente familiar. Ela oferece mundos alternativos que lançam nova luz sobre o mundo real. O principal instrumento através do qual a literatura (e o cinema) cria essa mágica, é, obviamente, a linguagem.

Para Certeau (2012), o homem ordinário inventa o cotidiano graças às "artes de fazer", ou seja, as práticas, as táticas e as astúcias pelas quais o ser humano altera objetos e códigos do próprio '*espaçotempo*' que habita. A linguagem e a narração de histórias têm um lugar central nesse processo de invenção do cotidiano. Para o autor, a contação de uma história:

Será uma arte de dizer: nela se exerce precisamente essa arte de fazer onde Kant reconheceria uma arte de pensar. Noutras palavras, será um relato. Se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e uma arte de pensar, pode ser ao mesmo tempo prática e teoria dessa arte. (CERTEAU, 2012, p. 140)

Na “arte de dizer”, o ato de narrar as práticas seria uma “maneira de fazer” textual, que possui táticas e procedimentos próprios. E aqui reside nosso maior interesse na invenção de histórias, chamada também de “fabricação de histórias” (BRUNER, 2014) ou de “invenção do cotidiano”. (CERTEAU, 2012) A prática da narração de histórias é parte da essência humana e é a partir dessas invenções que criamos quando narramos, que se fundam a maioria das nossas relações e práticas cotidianas, bem como os nossos processos de subjetivação – ou de dessubjetivação.

Quantas vezes, ao lermos uma ficção ou assistirmos a um filme, imaginamos outras saídas para os nossos problemas ou cogitamos outras reações para os confrontos que já tivemos? A literatura, o cinema, a música, a arte em geral, expandem os nossos repertórios e ampliam os nossos territórios existenciais. Umberto Eco (1994), inclusive, defende que o nosso contato com o texto literário, desde muito cedo – com as histórias infantis, por exemplo – ajuda a nos preparar para as emoções que ainda nem tivemos, como o medo, a raiva, a indignação etc. A arte existe, portanto, porque a vida pode ser elaborada muitas vezes e de muitas formas.

O que essas produções nos mostram, enquanto registros e reflexões dos sujeitos ordinários (CERTEAU, 2012) que vivem a pandemia e reinventam a vida a partir dela, é a potência das hiperescritas de si (MADDALENA, 2018). Chamamos de hiperescritas de si as narrativas autobiográficas – e, como as entendemos, ficcionais – praticadas nas hiperambiências, que combinam elementos digitais para inventar e comunicar as experiências dos cotidianos, marcando uma posição (circunstancial, fadada ao movimento) no mundo. As hiperartesanias de si – que se proliferam em imagens, textos e sons na Cibercultura apontam para novos registros de comunicabilidade e, por consequência, para a gestação de uma nova rede educativa, composta por ‘prácticas teorías’ que vão além das mídias massivas, por alargarem as possibilidades de experimentar, conhecer e fabular a vida, de forma ubíqua, hipermediática e cibercorporal²².

A possibilidade de combinar texto e outros tipos de signos em hiperambientes descentraliza a hierarquia linear e reconceitualiza a dimensão gráfica do texto. Por isso se fala em hiperescrita, hiperficção, hiperconto, hiperpoesia, hiperedição etc. (SANTAELLA, 2013, p. 215) Qual é a diferença entre a escrita de si no suporte analógico e a hiperescrita de si? A maior diferença é que a hiperescrita de si surge na linguagem hipermedial e absorve toda

(22) O cibercorpo é o corpo expandido no/com o ciberespaço. É o corpo que transita sem sair do lugar. Que faz amigos sem, necessariamente, conhecê-los pessoalmente. Que produz outros modos de trabalhar, de viver em família, de se alimentar, de se divertir no contexto da pandemia (e, em alguma medida, até antes dela). Que sente prazer com ou sem parceiros sexuais, interagindo com sistemas de geolocalização ou mecanismos de busca. É o corpo sem rosto (forjado na sensação do anonimato) ou com rostos fabulados a partir de filtros e/ou bancos de imagens. Um corpo dessubjetivado. Um devir-corpo em rede. As redes educativas cibercorporais são aquelas constituídas por ‘prácticas teorías’ que alargam os processos de subjetivação a partir do corpo ciborgue e suas próteses de conexão com o ciberespaço.

(23) CONFIRA quais foram as maiores lives musicais da internet na pandemia. Correio Brasiliense, online, 01 jun. 2020, Diversão e Arte. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/06/01/interna_diversao_arte,860012/maiores-lives-musicais-na-pandemia.shtml. Acesso em: 13 abr. 2021.

(24) Quando usamos a ideia de fabulação, assumimos que as narrativas que constituem as nossas pesquisas, não se comprometem com a busca da verdade ou de uma essência. Elas são, aos moldes do que pensaram Deleuze e Guattari (2004) em seus estudos sobre literatura e cinema, processos de negociação com os afetos, com os encontros, com os múltiplos, com as potências (MARQUES, 2015). Jamais darão conta de representar o vivido e nem atribuem um sentido verdadeiro às experiências dos nossos interlocutores.

sua potência. O narrador de uma história digital entende que a linguagem da internet possibilita uma expressividade expandida, pois nela integram-se e entram no jogo outros elementos estéticos e semióticos, e, sobretudo, a possibilidade de interlocução e interatividade que a rede proporciona na (co)criação da própria narrativa. (MADDALENA, 2018)

Há que se observar, também, que muitas dessas narrativas partem de dramaturgias confessionais, isto é, do exercício artístico-literário de contar a si mesmo a partir das redes sociotécnicas e de suas possibilidades de digitalização das ideias, dos registros, das corporalidades etc. Paula Sibilia (2008), em “O show do eu”, identifica esse movimento de auto apresentação como um fenômeno típico da emergência de uma Web 2.0 – ponto de partida para a criação de blogs pessoais (primeiro, textuais; depois, imagéticos e audiovisuais). A prática do diário íntimo deu lugar à escrita multirreferencial e multiplataformas dos diários *éxtimos*, sendo o reconhecimento da audiência, em forma de *likes*, comentários e compartilhamentos, a medida do sucesso ou do fracasso de uma existência midiaticizada.

Com a pandemia, tais produções veiculadas de si no/com o ciberespaço cresceram absurdamente, ganhando contornos, às vezes, mais profissionais e sofisticados, seja pelo estágio atual dos dispositivos digitais, seja pelo maior tempo dedicado a isso quando se está menos fora de casa. Na perspectiva do consumo, tais exibições de si – ou de textualidades autorais assumidas como ficção – tiveram um ganho considerável de acessos, tendo algumas *lives* de cantores sertanejos atingido a soma de dezenas de milhões de visualizações em tempo real²³.

Independentemente do número de acessos, é importante considerar a ampliação do movimento cibercultural de fabulação²⁴ e exibição de si, das memórias, das ideias, das corporalidades, enfim, a proliferação de narrativas audiovisuais que se valem de recursos fílmicos e sociotécnicos para difundir modos de existência e de (re) existência em tempos de aproximação diária com a morte.

Ao fazermos esse recorte, não ignoramos que para muitas pessoas tais registros são impensáveis, pois demandam acesso a dispositivos e conexões, além de vivências mais complexas na cibercultura como produtoras de conteúdos. Porém, mesmo reconhecendo as desigualdades no campo da inclusão cibercultural, acreditamos que as práticas de narrar a si mesmo nas redes sociais

online têm afetado nossos hábitos comunicacionais, redimensionando em variados *'espaçotempos'* a forma como nos inserimos e nos posicionamos nos debates, nas conversas e, conseqüentemente, nas salas de aula. Produzir currículos em tempos de pandemia, a partir das tecnologias de encontro²⁵, demanda, pois, atenção aos aspectos éticos, poéticos e estéticos e estéticos da comunicação praticada na cibercultura. Tenhamos isso em mente ao acessarmos as produções digitalmente cartografadas neste texto.

(25) Chamamos de tecnologias de encontro os aplicativos e afins usados para promover interações síncronas, por voz ou por vídeo. Na pandemia, as mais usadas têm sido Zoom, Google Meet, Microsoft Teams, RNP, Jitsi meets, Streamyard, dentre outros.

(26) "O que é importante não são nunca as filiações, mas as alianças e as ligas; não são os hereditários, os descendentes, mas os contágios, as epidemias, o vento". (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 57)

(27) Para Deleuze e Parnet (1998, p. 4; p. 36), "Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir [...] onde cada um empurra o outro, o leva em sua linha de fuga, em uma desterritorialização conjugada".

Modos de fabular as docências na educação *on-line*

[...] Da voz outra, faço minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. [...] Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con) fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e, por isso, se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar essas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2016, p. 8)

Começamos este tópico assumindo a ideia de *'escrevivência'* de Conceição Evaristo como princípio balizador das pesquisas que empreendemos. A escrita, inclusive a científica, é uma maneira de marcar as nossas posições no mundo, sendo, portanto, da ordem dos contágios²⁶, dos atravessamentos, das interlocuções. Dito de outro modo, não há escrita pura. Quando fazemos circular os *'conhecimentossignificações'* produzidos nos *'espaçotempos'* de pesquisa, imprimimos neles as nossas escolhas metodológicas, as nossas preferências teóricas, as nossas redes de *'prácticasteorias'* e o cruzamento de todas essas marcas com aquilo que foi *'ouvidolido-sentidopercebido'* nas conversas com os praticantes dos cotidianos.

Da mesma forma, o sentido ético, político e estético de uma aula deveria ir na direção daquilo que é produzido no encontro²⁷ entre professores e estudantes e todas as redes que os constituem. Como fazer isso, via tecnologias de encontro, no contexto da pandemia,

(28) Cf. Santos, E., 2020.

(29) Cf. Pimentel, 2018.

(30) Alguns ainda chamam essas interfaces digitais de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Mas, como não acreditamos em aprendizagem acontecida na ausência de ensino, preferimos usar AVE – escrevendo ensinoaprendizagem como uma palavra única, não dicotômica, seguindo a aposta estético-política das pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

(31) Em inglês, Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Ambiente de Aprendizado Modular Orientado ao Objeto). É, geralmente, utilizado como uma sala de aula online a partir da qual os professores disponibilizam material didático, propõem tarefas interativas e se comunicam via chat ou fóruns – síncrona ou assincronamente.

em meio às incertezas e aos não saberes que todos temos acerca do Ensino Remoto Emergencial? Não temos uma resposta para essa questão. O que apresentaremos a seguir são rastros de um exercício ainda em curso que, por meio da ficção, tem negociado sentidos e coautorias em um curso de formação de professores.

Não entraremos aqui no debate acerca do Ensino Remoto e as confusões conceituais que têm sido geradas por quem acredita que essa prática seja sinônimo de Educação a Distância ou de Educação *On-line*.²⁸ Mas é preciso sublinhar que, um dos autores deste texto, ao criar o desenho didático de uma disciplina voltada à discussão das tecnologias educacionais e seu papel na formação de professores, levou em consideração alguns princípios da Educação *On-line*²⁹, sobretudo os que dizem da importância de assumirmos as nossas itinerâncias no ciberespaço como ponto de partida ou de apoio para as nossas propostas curriculares em ambiências digitais. Isto é, não faz sentido ignorar nossos hábitos, nossas expressões cotidianas na Internet quando passamos a usá-la para darmos ou assistirmos aulas. Hipertextos, hiper mídias, multiplataformas, comunicações síncronas e assíncronas, digitalização e uma variedade de outras artes de fazer na/com a Cibercultura podem compor os nossos repertórios didáticos nos Ambientes Virtuais de 'Ensinoaprendizagem' (AVE)³⁰.

Ao mesmo tempo, dialogam com esse repertório de 'práticas-orientadas' digitais os 'saberes-fazeres' cultivados em outros 'espaçotempos' de produção e de consumo, que foram, na medida em que os usamos e os habitamos, sendo incorporados aos nossos hábitos. Falamos daquilo que nos constitui a partir do cinema, da televisão, da literatura, da música etc. O que se propôs como desenho didático na versão remota da disciplina Tecnologias e Educação, via Moodle³¹, foi um diálogo criativo com cada uma dessas instâncias artístico-comunicacionais, assumindo a sala de aula como 'espaçotempo' de contação de histórias. No caso em tela, tratou-se de uma história seriada, composta por ganchos ao final de cada episódio/aula, a despertar a atenção/curiosidade/interlocução do usuário para o tema seguinte.

Se o modo de produzir novelas e outras ficções precisou ser alterado por conta dos protocolos de segurança inaugurados com a pandemia, considerando a demanda por um novo regime de imagens e sons, mais condizente com os cotidianos atuais, é de se questionar por que as práticas educativas que se dão em 'espaçotempos' institucionais, quando migram para as ambiências remotas,

nem sempre experimentam essas novas estéticas de ver, dar a ver e ‘aprenderensinar’.

A *websérie* *Isolados*, que citamos anteriormente, foi a narrativa ficcional usada na versão remota da disciplina Tecnologias e Educação, para estudantes do curso de Pedagogia da UERJ, no primeiro semestre letivo de 2020 – ocorrido a partir de agosto, por conta do isolamento físico. Os episódios da série, acrescidos de outras narrativas literárias, em forma de roteiro, serviram como disparadores didáticos para os temas das aulas, em articulação com textos de outros autores produzidos e publicados ao longo do ano de 2020, tendo a pandemia como pano de fundo. Em determinado momento do curso, as narrativas dos próprios estudantes, capturadas nos fóruns do Moodle da disciplina, foram convertidas em falas e ações da *websérie* e dos roteiros disponibilizados no topo de cada aula³², seguindo a metodologia dos ‘*praticantespensantes*’ *alegóricos*.

(32) Em cada tópico da disciplina (que abrange o período de uma semana), apresentou-se um campo denominado LITERATURIZAR A CIÊNCIA, inspirado em um dos movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, criados por Nilda Alves (2015) – narrar a vida e literaturizar a ciência. Nesse campo era contada a vida pregressa de algum personagem da websérie, articulada com o tema e com os textos da semana.

Figura 2 – Print do Módulo “Ietramentos ciber culturais”, com apresentação de uma cena do roteiro de *Isolados* (escrito especialmente para a disciplina) e vídeo do Episódio 3

LETRAMENTOS CIBERCULTURAIS

APRESENTAÇÃO DO TEMA

ROTEIRO DA SEMANA:

- Ler a apresentação do tema (literaturizar a ciência)
- Ler o texto principal
- Explorar o material complementar
- Realizar as atividades da semana: *vídeo* e *fórum*

Literaturizar a ciência

Foi no começo da pandemia que Norma conheceu Regina - a mãe de Bruno, o vizinho do apartamento ao lado.

- A senhora vai ficar muito tempo no Rio?
- Bem dá pra você também, Dona...
- Norma, Norma. Stabelecidã.
- Regina, Mãe do Bruno dá...
- 104, Eu sei, eu moro no 103.
- Ah, sim, a professora.
- E aí, Eu já fiz muita novela. Não tá me reconhecendo?
- É... não que não.
- É que eu tenho foto mais figurada, sabe? Ai nem sempre a câmera foca no meu rostinho de mãe.
- Como é que tá lá na sua escola com essa coisa de pandemia?
- Um safoco, minha filha. Vieram com uma história de aula remota, como se todo mundo tivesse computador e internet no favela, como se fosse simples transformar a minha bela aula presencial num recital com hora marcada e eu ali, atchada numa tela pequenininha.
- E grandona assim, como a senhora é...

A quarentena, que duraria um ou dois meses, precisou durar alguns anos. E Regina, que amava viajar, nunca mais voltou ao Rio, nem abraçou o filho. Mas aprendeu, do jeito dela, a usar o celular.

ISOLADOS 3

LEITURA OBRIGATÓRIA

MATERIAL COMPLEMENTAR

Fonte: Moodle da disciplina Tecnologias e Educação.

O desenho didático do curso, em sua versão remota, usou a ficção como modo de entrada nos temas da disciplina, inserindo histórias e depoimentos dos próprios estudantes nas narrativas audiovisualizadas. Tal aproximação entre a dramaturgia e os cotidianos das turmas causou o engajamento necessário para descobrirmos juntos – naquela que foi a primeira vez, para muitos, em um curso totalmente realizado via *tecnologias de encontro* – modos de sermos ‘*docentesdiscentes*’ em tempos de pandemia.

Figura 3 – Cartazes dos episódios de Isolados



Fonte: <https://www.instagram.com/isoladosaserie/>.

Algumas considerações

Ao trazermos uma amostra das narrativas ficcionais produzidas e publicadas ao longo do ano de 2020, durante a pandemia da covid-19, intentamos refletir acerca da força das hiperexpressões de si para a fabulação de novas formas de existência e para o registro - parcial e temporário - da história do tempo presente. Tais narrativas, entendidas como fenômenos da Cibercultura, participam das nossas redes de produção e circulação de '*conhecimentossignificações*', além de oferecerem (em sua produção e em seu consumo) outras possibilidades de subjetivação.

Destacamos a utilização de uma dessas produções - a *websérie* *Isolados* - como recurso didático de uma disciplina do curso de Pedagogia da UERJ, em sua versão remota e experimental. A inclusão das histórias e das falas dos estudantes no roteiro da *websérie* oportunizou a cocriação de um currículo local, praticado como *escrevivência* (EVARISTO, 2016) e como tática de (re)existência diante da iminência da morte.

Nesse processo, apresentamos a ideia de um cibercorpo e de redes educativas cibercorporais, constituídas por '*prácticasteorias*' resultantes do isolamento físico na/com a Cibercultura, intensificado pela pandemia. Cibercorpos são hiperexpressos em atos cotidianos de produzir e narrar a vida como obra de arte.

Ao longo do texto apresentamos reflexões e tessituras entre narrativas, ficções e criação de histórias na/da/com a pandemia. Vivemos um momento de profundas incertezas, mas, mesmo diante da vida sob ameaça, na presença da morte e da doença no cotidiano, a humanidade narra, conta, cria e recria histórias. Acreditamos que adiar o fim do mundo, como afirma Ailton Krenak (2019, p. 27), "[...] é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim".

Hiperescrituras del yo, currículos insurgentes y educación en línea: modos de fabular las docencias en la pandemia

Resumen: En el contexto actual de la pandemia causada por el nuevo coronavirus (SARS-COV-2), el presente artículo pretende pensar la potencia de las narrativas digitales producidas y compartidas en el ciberespacio, entendiéndolas como registros históricos que narran experiencias, dolores, modos de vivir el aislamiento físico (o de no practicarlo) y una variedad de complejas e intensas emociones experimentadas por la humanidad en el último año.

El presente artículo tiene como objetivo principal presentar y discutir el concepto de hiperescrituras de sí – relatos autobiográficos fundados en el lenguaje hipermedia – como prácticas de creación de memorias singulares para combatir los peligros de una historia única. Las hiperescrituras de sí mismo, producen otras presencias, sentidos y conocimientos, expanden las formas de sociabilidad y pluralizan las voces en los espacios y tiempos de las disputas narrativas. A partir de estas escrituras, practicadas y compartidas en la pandemia, se pretende pensar la ficción como táctica de (re)existencia y de insurgencia contra lo que está impuesto mientras se amenaza a la vida, a la diferencia y a la democracia. Finalmente presentamos una experiencia en la modalidad de la Enseñanza Remota de Emergencia, en la plataforma Moodle, diseñada con los estudiantes del curso de Pedagogía de la Universidade do Estado do Rio de Janeiro, durante el segundo semestre del 2020, teniendo la ficción como punto de partida del diseño didáctico.

Palabras clave: hiperescrituras de sí; ficción; docencia; educación en línea; pandemia.

Self-hyper writing, insurgent curricula and online education: ways to fable teaching in the pandemic

Abstract: In the current context of the pandemic caused by the new coronavirus (SARS-COV-2), this article aims to think about the power of digital narratives produced and shared in cyberspace. Understanding them as historical records that narrate experiences, pain, ways of living physical isolation (or not practicing it), and a variety of complex and intense emotions experienced by humanity in the last year. The main objective of this article is to present and discuss the concept of self-hyper writing – autobiographical narratives based on hypermedia language – as practices for creating singular memories to combat the dangers of a unique story. Self-hyper writing produce other presences, meanings, and knowledge, expand the forms of sociability and pluralize voices in the spaces and times of narrative disputes. Based on these writings, practices, and shares in the pandemic, it is intended to think of fiction as a tactic of (re)existence and insurgency against what is imposed while threatening life, difference, and democracy. Finally, we present an experience in the modality of Emergency Remote Teaching, on the Moodle platform, designed with the students of the Pedagogy course at Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brazil, during the second semester of 2020, having fiction as the starting point of the didactic design.

Keywords: Self-hyper writing; fiction; teaching; online education; pandemic.

Referências

ALVES, N. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2022.

ALVES, N. *Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos*. Organização de Alexandra Garcia e Inês Barbosa de Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

- ADICHE, C. N. *El peligro de una historia única*. Barcelona: Penguin Random House, 2018.
- BRUNER, J. *Fabricando histórias: direito, literatura e vida*. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- CERTEAU, M. *Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012. (A invenção do cotidiano, 1)
- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, G.; GATTARI, F. *Capitalismo e Esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 1995. (Mil Platôs, 1)
- DELEUZE, G.; GATTARI, F. *Capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2004. 2. reimp. (Mil Platôs, 3)
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- FOUCAULT, M. À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours. In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits (1980-1988)*. Paris: Gallimard, 1994. v. 4. p. 609-631. Entrevista com H. Dreyfus e P. Rabinow, segunda versão.
- FOUCAULT, M. The subject and power. In: FREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983. p. 208-226.
- KRENAK, A. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MADDALENA, T. *Digital Storytelling: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura*. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- MADDALENA, T.; COUTO JUNIOR, D.; TEIXEIRA, M. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, dez. 2020.
- MARQUES, D. Entre fabulações de uma formação docente. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 8, n. 2, p. 160-174, mai./ago. 2015.
- NOLASCO-SILVA, L. *Tecnodocências: a sala de aula e a invenção de mundos*. Salvador: Devires, 2019.
- PIMENTEL, M. Princípios do desenho didático da Educação Online. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 33-53, set./dez. 2018.

SANTAELLA, L. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, E. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, H. A.; SILVA, M. (org.). *Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: desafios à Pós-Graduação em Educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. p. 75-98. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4707843/mod_resource/content/1/ebook1.pdf. Acesso em: 25 jun. 2014.

SANTOS, E. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. *Notícias, Revista Docência e Cibercultura*, ago. 2020, online. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 20 out. 20.

SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo, 2020.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Submetido em 27/07/2021
Aceito em 29/11/2021